

## Anexo 1: Modelo de uma carta de amor

### ELA GOSTA DE NOVELA

**Situação:** o rapaz namora uma garota que é vidrada em novela e conhece até as mais antigas, porque gosta muito de ler a respeito do assunto.

*Era um dia de SOL AMARELO. Foi quando nasci. Talvez, o primeiro dia do outono naquele ano, mas lá fora ainda brilhava um SOL DE VERÃO. São coisas que a gente lembra, pois O TEMPO NÃO APAGA. Cresci. Sempre me chamavam de CARINHOSO. Eu me sentia feliz, mas, ao mesmo tempo, triste, porque ainda não tinha conhecido a MINHA DOCE NAMORADA. Os anos se passaram. Uns estavam na CORRIDA DO OURO; outros, como eu, na corrida do amor.*

*Finalmente, depois de tanto tempo de vida, conheci um NOVO AMOR. Foi a coisa mais linda que poderia acontecer na minha vida. Há alguns que precisam de DUAS VIDAS para que algo assim aconteça. No meu caso, bastou conhecer você para um COQUETEL DE AMOR se formar no meu coração.*

*A partir daí, minha VIDA ROUBADA pela tristeza, pela SOLIDÃO, transformou-se rapidamente. Foi um SINAL DE ALERTA para que eu não ficasse perdido no JOGO DA VIDA.*

*Então, comecei a dedicar-me somente a você. Nesta SELVA DE PEDRA em que vivemos, é difícil se falar em amor. É uma GUERRA DOS SEXOS, onde a palavra amor está desaparecendo a cada dia que passa. mas eu dei O GRITO de chega para tudo isso e resolvi provar que A FORÇA DO AMOR ainda existe, pelo menos, no meu coração. Descobri, também, que o meu DESTINO era você, mesmo que tente provar o contrário.*

*Não preciso ser O MACHÃO para conquistá-la. Basta que eu lhe ofereça UMA ROSA COM AMOR, e não um BRILHANTE, que dure, pelo menos, DEZ VIDAS.*

*Quero ser o BEM-AMADO e jamais saber o que é DESPREZO. Mesmo SEM LENÇO, SEM DOCUMENTO, você CHEGA MAIS pertinho de mim e acaba confessando que me ama.*

*EU PROMETO que um dia desses você ainda BAILA COMIGO, de rosto colado, e a gente vai provar juntos que A JUSTIÇA DE DEUS não falha.*

*Nasci para amá-la. Quanto a isso não há mais dúvidas sequer. Mas vai chegar um dia em que vou precisar fazer A VIAGEM para o outro lado, e tenho a certeza que Deus me dará O DIREITO DE NASCER novamente para amar você.*

*AS SOMBRAS DO PASSADO quase transformaram o meu coração numa CORTINA DE VIDRO, mas A FERA que existe dentro de mim me fez RENASCER e hoje lhe digo que não sou O HOMEM PROIBIDO e convido você para que, À SOMBRA DOS LARANJAIS, possamos comer a MAÇÃ DO AMOR que, na verdade, tem SABOR DE MEL. E vamos regar o nosso amor com CHAMPANHE, pois ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU uma lei é válida: SÓ PELO AMOR VALE A VIDA.*

*Vamos viver juntos UM SONHO A MAIS, porque eu, desde que comecei a amar você DE CORPO E ALMA e para ter que fazê-la feliz, sou capaz de realizar tudo.*

Ass.: \_\_\_\_\_

## **Anexo 2: Carta XXVII**

### **Ruy Barbosa a Maria Augusta**

*Corte, 19 de julho de 1876*

*MARIA AUGUSTA,, minha muito adorada noiva*

*Recebi com alvoroço inexprimível de sempre a tua prezadíssima e dupla carta de 9 do corrente. Tendo-a, porém, esquecido hoje em casa, com a pressa com que tive de sair, responder-te-ei unicamente aos tópicos mais presentes à minha memória, ficando algum, que me escape, para a mais próxima ocasião.*

*Estás cheia de exultação e ufania com aquilo a que tu, como o Cons. Souto, chamas “os triunfos” de teu noivo. Coitadinha! Em primeiro lugar, minha muito querida Cota, isso a que a estima do nosso amigo e o teu amor encaram por esse prisma é de sua natureza perfeitamente insignificante. E essa idéia que em minha consciência sinceramente faço, confirmam-na os fatos; porque nenhum, absolutamente nenhum efeito em benefício meu me tem daí provindo. Não me queixo, repara bem. Não me queixo por duas razões muito simples; - primeiro, porque não descubro nesses dois atos meus, a que te referes, merecimento com direito a mais do que o proveito nulo que tenho colhido; - depois, porque não os pratiquei senão em cumprimento de deveres, que eu reputava estritos, sem o mínimo intuito de qualquer vantagem privada. A distância altera imensamente as proporções de todas as coisas; e esse cor-de-rosa que de longe se te afigura, minha Maria Augusta, não é senão produto dessa ilusão ótica. Os meus interesses não têm na realidade melhorado um ponto; os meus negócios não têm andado um passo; as dificuldades continuam a ser efetivamente as mesmas; não tenho senão esperanças, promessas, adiamentos, palavras, e mais nada. Se eu fosse um tratante, metido nalgum escândalo graúdo, com a proteção de algum empresário de ladroeiras, o caminho ter-me-ia sido mais suave. Como, porém, todo o favor, que peço, não consiste senão somente não deixarem desperdiçar-se um trabalho que pode ser útil a meu país, não pelo meu merecimento próprio, mas pelo laboriosíssimo e conscienciosíssimo esforço que nele concentrei, tudo me são embaraços, contratempos, impossibilidades. Se tu pudesses uma vez imaginar a horas de agonia que tem tido para mim esta luta extenuadora, ser-te-ia certamente impossível conceber como ainda há em mim coração e alma e vida, para viver mas. O que me tem salvado, porém, até agora é o teu amor. Senão, o desespero absoluto com as suas desgraçadas conseqüências já me teria fulminado há muitos dias. Vejo, minha cara noiva de minha alma, que te aflijo, sem querer. Ma é que às vezes não há meio de refrear-me, quando medito na realidade, sombria como a minha vida inteira até hoje, que continua a rodear-me. cuidas uma*

*felicidade quase divina o ter de ser eu o teu esposo. Se bastasse o amor, o desinteresse, a paixão levada até à loucura, para afortunar àqueles a quem queremos, ninguém do teu sexo seria neste mundo mais venturosa do que a minha Cota. Mas eu te considero profundamente infeliz, por haver-te a Providência fadado a um homem, a quem contrariedades incessantes acompanham, como uma gratuita maldição não sei donde. Eu me acuso muitas vezes, eu reputo-me muitas vezes criminoso de não ter tido forças para matar um amor, que tantas angústias têm já infligido ao mais lindo e ao melhor de todos os anjos que os meus olhos têm visto. Mas, minha muito amada noiva, basta! Careço de comprimir estas expansões, que aliás não teriam fim. E, ainda uma vez, minha angélica e muito querida Maria Augusta, desculpa-me esquece as alucinações deste hipocondríaco, de que tens a má fortuna de ser noiva.*

*Tive o maior prazer com a notícia, que me dás, de te não haver repugnado o alvitre, que adotei, de minha mudança para a casa onde estou. A tua aprovação tranqüiliza-me. Nem eu esperava outra coisa; porque bem devias, em todo caso, ajuizar que só uma circunstância de força maior invencível arrancaria de mim essa resolução. Soube, porém, por outro informante, que tu tens tido uns “ciuminhos albínicos”. Tu mesma já me confessas recear que entre as distrações e ovações, que me atribuis aqui, venha eu a esquecer “a minha modesta Cota”. A este propósito diversas ponderações tenho eu que fazer-te. A primeira é – que já isso é um pouco diverso do que há poucos dias me escreveras, afirmando não temeres o meu contacto com as que chamas “rainhas da beleza” na corte ( e que são para mim, diante de minha noiva, insignificantíssimas), por estares certa que o meu coração é superior a todos esses riscos. A segunda observação é – que minha vida aqui é ainda mais retraída que na Bahia. Não tenho buscado o mínimo divertimento; não tenho freqüentado nem saraus, nem bailes, nem teatros, nem passeios, nem casas de ninguém. Vivo afogado na minha tristeza; e não tenho por companheiro senão o Manuelzinho, sendo que, até, com a família, em cuja casa resido, não me avisto quase senão a horas de almoço, e isso mesmo nem sempre, como hoje, que almocei com aquele um prestimosíssimo amigo. A última reflexão, enfim, é que essa a que te referes, “a minha modesta Cota” é o meu orgulho, a minha estrela, o meu anjo, aquela por quem eu vivo ainda; porque hoje não trabalho, não luto, não aspiro nada senão com ela, por ela e para ela; porque sem ela não aceito coisa nenhuma, renuncio, desprezo, aborreço todas as soluções da vaidade, da fortuna e da posição social. Tu bem o sabes, minha querida noiva! Pois, então, por que desconfiarás sempre de mim? Sei que os teus ciumezinhos são moderados. Mas esses mesmos que fundamentos têm?*

*O nosso excelente Cons. Souto diz-me que tu de dia a dia cresces em formosura e bondade. Se soubesses como me soou encantadoramente esta notícia. Ao menos DEUS ainda não*

*me quis tirar este último consolo de ter por noiva essa linda sereiazinha, que tão deliciosamente enfeitiça todos os que a rodeiam!*

*Soube também que tens sido infatigável e ternamente desvelada com a nossa cara doentinha Adelaide, a boa irmã que Deus me deu agora. Fica certa, minha amada noiva, que este esmalte do coração é o mais divino realce da beleza. Esta bondade tão do céu, em que te vais cada vez mais distinguindo, zela-a., apura-a sempre; porque dela é que vem essa felicidade tranqüila e pura de amores, como os nossos, que o tempo não extingue nunca e o sofrimento redobra. Aumenta, pois, e multiplica sempre os teus carinhos para com a nossa Irmãzinha, que tanto os merece. Filha extremosa e extremosa irmã, com certeza serás, minha Cota, a mais virtuosa, a mais meiga, a melhor das esposas.*

*Estimo muito e muito que sintas e tenhas traduzido tão bem essa agradecida estima pela família do Manuelzinho. Numa alma como a tua não podia deixar de ser assim. eu mostrei – porque devia e honrava-te – mostrei esse trecho da tua carta assim ao Manuelzinho, como à mulher e à sogra, D. Maria Isabel. Todos se encantaram de ti.*

*A flor que me enviaste, calcula com que êxtase a recebi contemplei, e beijei mil vezes. Guardei-a, com a madeixazinha dos teus cabelos, na medalha, que todos os dias está comigo.*

*É natural, realmente, e já eu o previa, que a doença da nossa Adelaide não te permitisse encetar o piano e o canto. Decerto esse estudo não te seria possível entre as aflições daqueles maus dias. Em cessando, porém esse obstáculo, não esqueças de afinar a tua vozinha de rouxinol para o noivo, que tanto se encantará, quando a tornar a escutar.*

*Não sei se omiti algum ponto da tua carta; mas da primeira vez suprirei a lacuna que houver.*

*Dize ao nosso Cons. Souto que não lhe escrevo hoje, por Ter esquecido em casa a carta dele. Mil saudades e abraços a ele, a Mamãe, Papai, a Adelaide, Dobbert, Cazuza.*

*A ti, querida noiva, o coração e os mesmos beijos de sempre, sempre mais ardentes de*

*teu noivo*

*Ruy*

### Anexo 3: Carta 43

#### Monteiro Lobato a Purezinha

*23 de Maio, dia de anos do nosso Amor*

*Areias, 23.5.1907*

*Minha Adorada Purezinha*

*Como chegasse ontem à noite da fazenda, só hoje cedo o correio mandou-me a correspondência – um cartão de Edgard avisando que está em São Paulo e a tua **esverdinhada** de 21.*

*Deu-me tanto prazer esse modo novo de conversar comigo, contando com tão suave emoção um episódio da tua vida de menina, abrindo-me tua alma – cm esse doce abandono de intimidade que eu sempre sonhei e tantas vezes pedi – que não pude me furtar a tentação de sentar à mesa e procurar vazar para o papel os suaves sentimentos que me possuem, sentimentos complexos e de difícil definição mas onde predomina, vejo agora, um grande lastro de gratidão. Sou-te imensamente grato, Purezinha, porque tu procuraste compreender-me, e sonhaste ver na aparente selvajeria do meu eu o mundo de ternura e amor, ali armazenado, à espera de quem o sonhasse descobrir. Foste o meu Colombo. A mim próprio revelaste faces desconhecidas da minha alma...*

*Já viste trabalho em fotografia? Revelar uma chapa? Chapa é uma placa de vidro recoberto duma leve camada de gelatina sensibilizada, de aparência branca e opaca. Pões-na, porém, no banho revelador e a imagem que existia misteriosamente oculta dentro da gelatina branca delinea-se aos poucos, vai ganhando contornos e nitidez, até de todo se revelar com perfeição. Tu foste para mim o que o revelador é para a chapa. Onde parecia nada existir que não fosse aridez e revolta, e orgulho, e pessimismo e tédio, tu arrancaste mil qualidades preciosas e inestimáveis – amor, ternura, otimismo, alegria, bondade. Agora vejo que tudo isso existia em mim latentemente e só esperava a forte simpatia duma criatura como tu para se expandir. E sou-te grato, imensamente, por isso.*

*E quanto mais tu te abres e me desvendas os tesouros da intimidade, mais cresce-me o Amor, a Ternura, a Alegria, a Bondade. Tu me transformas por força do teu amoroso influxo. Serei o que fizeres de mim – o mais feliz, o mais infeliz dos homens. Que prazer me deu tua carta! É*

*assim que sempre te imaginei, contando-me o teu estado d'alma, descrevendo teus sentimentos como se descreveras uma paisagem; alma aberta, cheia de sol, para que a pedraria rara do teu amor e da tua meiguice cintile e ofusque meus sonhos deslumbrados.*

*23 de maio! Dois anos completa hoje nosso amor e pelo que me tem sido poderemos avaliar qual seja o seu futuro: um eterno idílio, duas almas enlaçadas, a deambular pelo mundo, satisfeitas, contentes, a rir; uma bastando à outra, uma vivendo para a outra e da outra, eternamente amorosas, sem outros desejos que a perpetuação desse suave estado, sem mais ambição que o possuir-se da maneira mais íntima e completa.*

*23 de maio: devemos consagrar este dia, elegê-lo como a data áurea de uma vida e festejá-la como o natalício da nossa felicidade. Foi a 23 de maio que nos encontramos na “estrada da vida” já com o germe do amor refluindo no coração. Elejamo-lo como a data da nascimento do nosso amor, o início da nossa era.*

*Estas noites frias e enluaradas recordam-te a chácara, o xadrez ...a mim recordam, também, as primeiras emoções do amor. Quando entravas com o café e os bolinhos... Eu parecia jogar atento, e atento estava, mas não ao jogo e sim aos rumores que vinham de dentro, de onde estavas. – “É ela!... Vem vindo!... não é passou”. Afinal assomavas à porta, de avental; vinhas servir o café... Nunca, nunca me esquecera o gole de felicidade que me era para os olhos, para o espírito, para o coração, para todos os sentidos a aparição do teu vulto sereno e calmo, muito branco e frio. E ao voltar, a impressão que ia comigo, bailando ante meus olhos, inebriando minha alma, era unicamente aquela, a tua entrada na sala, uma ou outra palavra trocada, um cruzar tímido de olhares... Rápido, fugacíssimo, esse cruzamento de olhares iluminava todo o meu ser. Eu saía radiante, feito um foco de luz. Não havia noite escura pois o teu olhar, recolhido dentro do meu ser como um talismã, iluminava-me o caminho!*

*Como eu já te amava Purezinha e como eu te amo! Velam-me os olhos ao dizer-te isto. Por que? Por que faz chorar, o amor, a ternura? Purezinha, que ânsia de te ter já minha, de te ver ao meu lado, de apertar-te contra o meu peito, de sorver a tua alma através da ardência de um beijo, de ouvir palpitar teu coração, ofegar teu peito, brilhar teu olhar, de sentir as emanções do teu corpo, esse fluxo misterioso que sai da criatura amada e embriaga e mata. Sossega, sossega, coração ardente, é mister calma, é mister esperar...*

*Aperta-te o peito e beija-te prolongadamente*

*o teu Juca*